



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 33 – dezembro de 2024

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2024i33p66-86>

**“A solidão é a tinta da viagem”: experiências migrantes na narrativa
brasileira contemporânea**

**“Loneliness is the ink of the journey”: migrant experiences in
contemporary Brazilian narrative**

*Alex Bruno da Silva**

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar dois aspectos nos romances *Simpatia pelo demônio* (2016), de Bernardo Carvalho, e *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum: deslocamentos migratórios/exílicos e rastros da barbárie em sua dimensão social e pessoal. As obras tratam da experiência do deslocamento com suas tensões e subjetividades, colocando em evidência a noção de *estranheidade* para além da dimensão territorial (Canclini, 2016). Na obra de Carvalho, a perspectiva é a do estrangeiro que cruza países na tentativa de combater o terrorismo no mundo em meio às vicissitudes da própria identidade em conflito. Na obra de Hatoum, o olhar é o de um sujeito exilado que escreve e realiza um resgate da memória para elaborar o passado e tentar seguir em frente. Essas duas perspectivas se complementam, na medida em que refletem a pluralidade das narrativas migrantes.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento; Identidade; Barbárie; Bernardo Carvalho; Milton Hatoum

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze two aspects of the novels *Simpatia pelo demônio* (2016), by Bernardo Carvalho, and *A noite da espera* (2017), by Milton Hatoum: migratory/exilic displacements and traces of barbarity in their social and personal dimensions. The works address the experience of *displacement* with its tensions and subjectivities, highlighting the notion of *foreignness* beyond the territorial dimension (Canclini, 2016). In Carvalho's work, the perspective is that of a foreigner who crosses countries in an attempt to combat terrorism in the world amidst the vicissitudes of his own conflicted identity. In Hatoum's work, the perspective is that of an exiled subject who writes and recovers his memory to elaborate on the past and try to move forward. These

* Universidade Estadual de Goiás; Instituto Acadêmico de Educação e Licenciaturas – Anápolis – GO – Brasil – alexprofessor100@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 33 – dezembro de 2024

two perspectives complement each other, as they reflect the plurality of migrant narratives.

KEYWORDS: Displacement; Identity; Barbarism; Bernardo Carvalho; Milton Hatoum

Introdução

Nas últimas décadas do século XX, as noções de espaço, mobilidade, errância, exílio e migrações revelaram-se uma rica área de pesquisa para os estudos literários e culturais. Em *Reflexões sobre o exílio* (2003), Edward Said afirma que o século XX é “a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa” (p. 47), de modo geral, por perseguição política ou étnica, pela miséria e por sonhos desfeitos. Mais recentemente, a importância das experiências de deslocamento para o entendimento do mundo contemporâneo; seja por meio da problematização de identidades que transcendem fronteiras, seja pela expressão do exílio a promover o olhar sobre a alteridade; tem levado à consolidação das “figuras da migrância” (Olivieri-Godet, 2010, p. 190) como uma produtiva chave de leitura no contexto das representações desses deslocamentos pelo universo literário.

Nesse sentido, Néstor García Canclini (2016) destaca que, cada vez mais, devido à condição transterritorial contemporânea, tornamo-nos estrangeiros de espacialidades outrora próprias, vivenciamos outras pátrias e, com isso, torna-se evidente a dimensão subjetiva que perpassa os deslocamentos. O antropólogo argentino, ao analisar as nuances do ser/sentir-se estrangeiro, amplifica o conceito de *estraneidade* e desmembra sua correlação direta com a territorialidade: ser estrangeiro “[...] não é só o excluído da lógica social predominante. É também aquele que tem um segredo: sabe que existe outro modo de vida, ou existiu, ou poderia existir” (Canclini, 2016, p. 61).

A produção literária brasileira atual tem refletido cada vez mais a centralidade dos deslocamentos que transcendem as variações geográficas pelas quais passam sujeitos migrantes, ou mesmo seres isolados, mas que, mesmo assim, trazem consigo a marca do alheamento e do desajuste que acompanha quem adentra em espaços de diferença. De acordo com Kathryn Woodward, o processo migratório produz “identidades plurais” (2014, p. 22) marcadas pelas diferenças culturais e simbólicas. Assim, o deslocamento espacial pode ser lido como uma espécie de contestação da unidade e centralidade do eu. Woodward aponta a marcação da diferença – sustentada, sobretudo, pela exclusão – como exemplo de como as identidades adquirem sentidos por meio da linguagem e de símbolos opostos, mas que de alguma forma se relacionam.

Apesar da diferença ser um aspecto na busca de conceituação da identidade – como no exemplo da diferença entre sérvios e croatas por meio da simbologia dos cigarros fumados por eles –, Woodward problematiza essa marcação simbólica relativizando que

os sistemas representacionais marcadores da diferença, em alguns casos, podem incluir uma uniformidade ou uma relação semelhante. Assim, a identidade “[...] não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença” (Woodward, 2014, p. 40, grifo da autora); ela é relacional.

A partir dessa problematização, a autora argumenta que as identidades, pensadas em um contexto de globalização e migração, são diversas e cambiantes, justamente porque o próprio processo de globalização recai em uma crise da identidade que coloca em xeque uma série de certezas tradicionais, de forma que sempre existe algum deslizamento presente e intrínseco à identidade.

Essa concepção de identidades instáveis, tão polêmica quanto ampla, também é tratada por Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), na perspectiva dos Estudos Culturais, como uma “celebração móvel” (p. 13) cambiante e não unificada em torno de um eu coerente. Nesse livro, Stuart Hall não toma o conceito de identidade como uma concepção rígida, ao contrário, ele recusa as noções de integridade e estabilidade. Para tanto, distingue três noções muito diferentes de identidade, a do: 1) sujeito do Iluminismo; 2) sujeito sociológico; e 3) sujeito pós-moderno.

Assim, Hall argumenta que se o sujeito do Iluminismo se fundamenta numa concepção humana unificada e racionalista e o sujeito sociológico é definido pela sua essência interior, o sujeito pós-moderno passa a ser visto como fragmentado, composto de várias identidades. Portanto, as identidades,

[...] que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático (Hall, 2006, p. 12).

A identidade, para Stuart Hall, implica a noção de deslocamento, uma vez que ela é definida historicamente e não biologicamente. Por isso, para ele, os descentramentos identitários são entendidos a partir da posição ocupada pelo sujeito no discurso em relação ao Outro. Ou seja, pensar as identidades no mundo contemporâneo é aceitar que elas são cada vez mais fragmentadas e construídas ao longo de práticas e posições de um Eu constantemente em processo de transformação: “[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de

uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (Hall, 2006, p. 12).

Para Hall (2006), a globalização e as migrações contínuas resvalam no sentimento de (não) pertencimento que o sujeito toma para si, uma vez que, na era das comunicações globais, tem havido migrações contínuas, levando a “[...] uma pluralização de culturas nacionais e de identidades nacionais” (p. 83). Em outro livro, chamado *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), Hall também aponta que as identidades contemporâneas são aquelas que estão constantemente se reproduzindo de novo por meio das transformações dos modelos culturais para além da nação. Assim, ao falar de identidade, Hall (2003) discute implicações relacionadas às formações culturais em contextos de migrações e negociações. Para ele, nossas identidades culturais estão sempre em processo de formação, pois a “[...] cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (p. 44). Por isso, para o teórico, é possível pensar a cultura e interpretá-la a partir da análise do deslocamento do sujeito estrangeiro, em sua presença e sensação de alheamentos constantes.

As considerações do sociólogo são fundamentais para se compreender os caminhos que formam o elo entre o sujeito migrante, seu antes e seu depois. Narrativas disruptivas trazem consigo a experiência diaspórica “desterritorializante em seus efeitos” (Hall, 2003, p. 36), povoando-a com a ambivalência e a instabilidade contidas no fenômeno da estraneidade – aqui compreendido no sentido proposto por Canclini como “consciência de um desajuste, perda da identidade em que antes nos reconhecíamos” (2006, p. 62). O migrante faz da experiência fluxo de interação e estabelece “comunidades transnacionais de comunicação fluida” (p. 60).

São justamente os movimentos migratórios e exílicos que buscamos analisar neste artigo, o qual traz em seu eixo relações entre diferentes viagens e os rastros da barbárie em sua dimensão social e pessoal. Assim, em obras de autores como Bernardo Carvalho e Milton Hatoum, por exemplo, pode-se observar que o deslocamento espacial corresponde também a um movimento interior que se coaduna ao processo de (re)construção da identidade. Partindo dessa premissa, propomos analisar os romances *Simpatia pelo demônio* (2016), de Bernardo Carvalho e *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum, a fim de demonstrar como os autores abordam a questão da migrância e as suas implicações nas composições de identidades, perpassando as relações do sujeito com os efeitos da barbárie.

Simpatia pelo demônio (2016), finalista do prêmio Oceanos 2017, é o 11º romance publicado por Bernardo Carvalho, escritor que se inscreve no cenário literário contemporâneo com uma já vasta produção literária. *A noite da espera* (2017), finalista dos prêmios Oceanos e São Paulo de Literatura, 2018, é o primeiro volume da trilogia *O lugar mais sombrio*, ambicioso projeto do escritor Milton Hatoum que relaciona um drama familiar a acontecimentos da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Se na obra de Carvalho o olhar é de fora, dado pela mediação de um narrador heterodiegético que se reveste de focalização onisciente ao embaralhar a ordem temporal naquilo que está posto pelo movimento da memória do protagonista Rato – um brasileiro de meia-idade, autor de uma aclamada tese sobre violência e funcionário de uma agência humanitária em Nova York –, no romance de Milton Hatoum, a perspectiva se dá por meio de uma visão de dentro, de quem realiza um resgate de suas lembranças e das lembranças de outras personagens para elaborar o passado e tentar seguir em frente. Sujeito migratório, Martim é narrador-personagem que, para construir seu relato, se baseia na compilação de cartas e diários como forma de revelar as relações travadas sob a égide da ditadura militar brasileira.

Essas duas perspectivas se complementam, na medida em que refletem a pluralidade das narrativas migrantes e suas experiências de passagens. Daí o caráter cultural, social e geopolítico que essas narrativas assumem. Ambas problematizam os desdobramentos do trânsito espacial e subjetivo e a representação do sujeito diaspórico, estrangeiro fora do lar.

1 *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho: trânsito e identidade em meio à barbárie global

O romance *Simpatia pelo demônio* explora a temática do deslocamento, do desejo e do terrorismo lançando as personagens em trânsito corrente por grandes metrópoles como Nova Iorque, Berlim, Rio de Janeiro, São Paulo e Cidade do México. Essa mobilidade que é impressa de forma espacial, temporal e discursiva quer captar o sujeito contemporâneo exilado na vida urbana, suspenso em uma trajetória que é, em si, o testemunho da ausência de uma identificação sólida com um país ou com uma cidade. O protagonista Rato defende, em sua tese acadêmica, que as guerras pontuam intervalos de purificação civilizatória, e suas ideias passam a ser aplicadas em lugares de conflitos ideológicos, religiosos e culturais. Com uma carreira profissional reconhecida, como

agente humanitário, Rato mantém, por algum tempo, um casamento com uma brasileira com quem tivera uma filha. Depois, com a separação, seguem caminhos opostos.

Apesar de o protagonista construir uma carreira profissional de sucesso, formar uma família e ter uma filha, sua existência entra em crise com a meia-idade, para ser mais exato, quando completa 53 anos de idade. É quando ele conhece um neurocientista mexicano em Berlim – o chihuahua. O envolvimento com o mexicano levará Rato a uma suposta redescoberta da vida e do desejo sexual, mas que irá implicar uma espécie de solidão experimentada na multidão. Esse envolvimento sexual é marcado pela perversão, quase um triângulo amoroso, pois o mexicano já se relacionava com o Palhaço – um ator americano, com formação numa escola de palhaços de Londres. Em suma, o romance mistura várias instâncias temporais e espaciais no intuito de explorar o que existe de mais ambíguo no humano.

Quando Canclini nos convida a refletir sobre a condição transterritorial que experimentamos nas redes digitais, o autor lança o seguinte questionamento: “O que significa habitar um mundo interconectado digitalmente onde cada vez é mais difícil ser estrangeiro?” (2016, p. 59). Para responder a essa questão, ele distingue três noções de estraneidade que provocam reflexões acerca desse conceito, ampliando e equacionando os deslocamentos atuais:

a) a estraneidade como perda de um território próprio; b) a experiência de ser estrangeiro-nativo, ou seja, sentir-se estranho na própria sociedade; c) a experiência de sair de uma cidade ou nação que asfixia e escolher ser diferente ou minoria em uma sociedade ou língua que nunca vamos sentir como inteiramente própria (Canclini, 2016, p. 59).

Além disso, o autor também aborda os deslocamentos contemporâneos, interligados ao sentimento de estranhamento por outras razões, colocando em destaque a dificuldade atual de controle do mundo digital, como veremos mais adiante, na relação amorosa entre o Rato e o chihuahua. Portanto, a noção de estraneidade, como já apontamos, são mobilizadas em sentido lato: “Busco destacar outros modos de ser migrante e estrangeiro, dispositivos que desestabilizam o próprio e o estranho, a inclusão e a exclusão [...] ser estrangeiro [...] tem a ver com a arte da diferença” (Canclini, 2016, p. 68).

Pensando, primeiramente, na experiência migratória – espacial – da estraneidade, observamos que, em *Simpatia pelo demônio*, o protagonista Rato, ainda que carregue algum sinal de pertencimento por ser um brasileiro, é convidado, pelo próprio exercício

da profissão, a viver outras pátrias, a conhecer outras culturas e a enfrentar a sensação de estranhamento em relação ao outro, naquilo que Canclini sublinha como sendo, acima de qualquer forma de localismo, uma “filosofia para quem o mundo inteiro é um lugar estranho” (2016, p. 65). Inserido em um mundo globalizado, ele vive o deslocamento migratório como sendo o lar, mesmo que provisório, pois a viagem, o movimento e as tensões do pertencimento são recorrentes e configuram-se como um modo radical de experimentar ora a alteridade, ora a solidão: “Logo depois de se formar em direito, o Rato resolveu sair do país. [...] Viajou por dois anos, pelos lugares mais improváveis, quase sempre sozinho” (Carvalho, 2016, p. 70).

O trânsito por Nova York, Berlim, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outras regiões no mundo, transforma a experiência da estraneidade em uma deambulação sem fim, na qual o Rato não pertence totalmente a lugar algum ou não constitui para si o próprio lugar. Em determinado momento da narrativa, quando o Rato escuta uma conversa da filha com uma colega de escola, essa experiência migratória se confirma no diálogo entre as duas crianças: “Meu pai é advogado. E o seu? Trabalha pela paz no mundo. É mesmo? Ele faz o quê? Viaja para onde tem guerra” (Carvalho, 2016, p. 97). Ou seja, é aquele, como sublinha Canclini (2016), para quem o mundo seria um território marcado pela estranheza.

Os retornos do Rato ao Brasil também se aproximam daquilo que Canclini nos informa sobre o migrante que “[...] retorna a seu país de origem dez anos depois e, ao falar com seus compatriotas usando palavras que não se usam mais, ouve perguntarem: Você não é daqui, não é mesmo?” (2016, p. 62). É por isso, então, que o protagonista se sente estranho no próprio país, observando mudanças nos comportamentos sociais, na linguagem e nos lugares, colocando em destaque a sensação de estranhamento, ou não reconhecimento do espaço. Sobre os retornos ao Brasil, o narrador assinala:

Era natural que, ao voltar, o Rato se surpreendesse com o sentido de algumas palavras que naquele meio-tempo, durante sua ausência, passaram a querer dizer outra coisa, às vezes o oposto do que antes diziam. As inversões de sentido também começaram a intrigá-lo. Começou a prestar mais atenção nelas, sempre que voltava ao Brasil, depois de ser contratado pela agência humanitária e de se mudar primeiro para Berlim e em seguida para Nova York. Ficou muito surpreso, por exemplo, quando ‘Sinistro!’ passou a servir para exaltar o que se amava [...] Mas, de todas as flutuações semânticas, nenhuma provocou nele um efeito tão profundo quanto o uso sinistro (na velha acepção em desuso) da expressão ‘Perdeu!’. O sentido anterior,

prosaico, tinha sido sequestrado pela associação da palavra a situações de violência extrema, letal (Carvalho, 2016, p. 71-72).

A surpresa do personagem ao retornar ao lugar de origem está associada aos elementos desse lugar que, seja pelos sentidos semânticos da língua ou pela própria paisagem das ruas cada vez mais violentas, são e serão novamente dispersos, em diferentes temporalidades. A mobilidade contemporânea implica a construção de identidades deslizantes num espaço pouco definido, num contexto em que, retomando Hall, “[...] os fluxos culturais entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ [...] entre pessoas que estão bastante distantes uma das outras no espaço e no tempo” (2006, p. 78). Diante dessa realidade, em consonância com o que Hall aponta, Canclini afirma que a intensidade do deslocamento na contemporaneidade, seja espacial ou virtual, mudou as relações de espaço e de tempo implicadas na partida e na chegada: “Escrevia James Clifford que ‘o normal não seria mais perguntar De onde é você?, mas De onde você vem e para onde você vai?’” (2016, p. 63).

A esse respeito, podemos pensar a identidade cultural a partir da condição fragmentada que caracteriza o sujeito pós-moderno, conforme propõe Stuart Hall (2003; 2006). O protagonista de *Simpatia pelo demônio*, inserido nesse contexto global de trânsito intenso, compartilha seus desejos e intimidades corporais com o chihuahua nas suas deambulações pelo México e por Berlim, insinuando como a afetividade flutuante reflete uma identidade descentrada e rarefeita que, inegavelmente, solapa formas nacionais de identidade cultural. A vida do protagonista Rato é atravessada pela fragmentação de códigos culturais, no impermanente e na diferença da infiltração cultural. Tais fatores corroboram a afirmativa de Hall sobre as identidades culturais na era da globalização:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem ‘flutuar livremente’ (Hall, 2006, p. 75, grifo próprio).

Esses são, justamente, os fatores que impulsionam a mobilidade do Rato por diferentes lugares e culturas. À medida que cruza países e continentes, ele perde referências culturais fixas, já que ora experimenta a sensação de estrangeiro e não reconhecimento do espaço, ora passa por processos de negociação ou escolhas de outros

elementos identitários: “Em seu primeiro ano na agência, o Rato salvara um recém-nascido dos assassinatos que destruíram sua aldeia e mataram seus pais. [...] Negociara tréguas pouco duradoras entre povos que nunca cessaram de guerrear” (Carvalho, 2016, p. 27). A atividade como agente humanitário obriga-o a negociar, constantemente, com diferentes culturas e a aprender habitar o espaço do outro. Essa experiência aproxima-se da noção de “tradução cultural”, discutida por Hall (2003; 2006) – que retoma o conceito já utilizado por Robins e Homi Bhabha – em relação aos processos das novas diásporas em contextos globais.

Nessa perspectiva, a tradução cultural é definida como processos de transferências entre fronteiras, ou seja, o sujeito permite-se “[...] aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas” (Hall, 2006, p. 89), como podemos observar no deslocamento transnacional do Rato por zonas de conflitos inter-religiosos ou, como destaca o narrador, em “seu périplo pelo mundo” (Carvalho, 2016 p. 206). E, mais, quando o Rato também, ao final da narrativa, compartilha com um homem-bomba “uma língua comum” entre eles – “um inglês que vai se tornando cada vez mais precário” (p. 235), conforme tentam se comunicar, após ter sido atacado por este homem no quarto de um hotel.

O teórico cultural, por outro lado, também discute a noção de “tradição” como sendo um efeito contraditório da globalização nas “[...] fortes tentativas para se reconstruírem identidades purificadas, para se restaurar a coesão, o ‘fechamento’ e a Tradição frente ao hibridismo e à diversidade” (Hall, 2006, p. 92). Daí, segundo o autor, as representações das identidades culturais podem oscilar entre a Tradição e a Tradução, algo que vai na direção da tensão entre mobilidade e fixidez.

Ainda segundo Hall, dois casos exemplificam o que ele trata como tradição cultural: “o ressurgimento do nacionalismo na Europa Ocidental e o crescimento do fundamentalismo” (2006, p. 92). Nesse sentido, *Simpatia pelo demônio* evidencia que Carvalho não se exime em tocar nessa tensão muito cara na atualidade, numa prosa marcada pelas diversificadas facetas da barbárie contemporânea e que nos oferece inúmeros caminhos de leitura.

Se por um lado, o fundamentalismo religioso, os nacionalismos recalcados, entre outros, desencadeiam formas de terrorismos globais e locais, colocando em cena o subdesenvolvimento econômico com as contradições da globalização, por outro lado, pensando a mobilidade do protagonista Rato como um fenômeno inserido em diversas dinâmicas do poder, podemos afirmar que ela tem efeito pluralizante sobre sua identidade,

possibilitando, assim, novas posições de identificação. Isso permite atestar sua condição de alguém “irremediavelmente diaspORIZADO” (Hall, 2003, p. 76), cujos deslocamentos “[...] são processos econômicos e socioculturais, [...] e também processos simbólicos que se expressam como metáforas, e não apenas com conceitos” (Canclini, 2016, p. 65).

O fato de Carvalho dramatizar os deslocamentos transnacionais, em contexto global, transcendendo a cena nacional, desafia as formas estáticas de identidade nacional, o que significa dizer que “À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (Hall, 2006, p. 74).

Para o protagonista de *Simpatia pelo demônio*, estar em movimento é quase um requisito indispensável, já que atravessar o mundo, navegar pelas redes de comunicações digitais ou percorrer a própria nação são modos igualmente intensos e desafiantes de viajar. Desse modo, a identidade existe como construção narrativa, demonstrando, assim, a fragmentação não só do ponto de vista identitário cultural, pessoal e sexual, mas também do ponto de vista estrutural da narrativa. A multiplicidade de elementos paratextuais e intertextuais – fazendo do romance carvaliano uma escrita híbrida de vários discursos (textos) – implica, em termos identitários, uma “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (Hall, 2006, p. 13) postas em narração.

Explorando um pouco mais a questão da estraneidade representada no romance de Carvalho, que se entrelaça à questão da identidade, observamos, ao final da narrativa, que a relação amorosa entre o Rato e o chihuahua esbarra na novidade contemporânea – que coabita as formas de estraneidade territorial – de não poder ser totalmente um estrangeiro, em um mundo “[...] onde nossa vida privada é armazenada para ser usada comercial e politicamente” (Canclini, 2016, p. 69), dentro de uma rede mundial de comunicação que as empresas acessam.

Essa questão é tratada por Canclini como forma de resposta à pergunta transcrita no início desse tópico, na qual ele questiona o significado de habitar um mundo digital onde é cada vez mais difícil ser um estranho. Segundo ele, para ser estrangeiro “é necessária, além da diferença, a intimidade” (2016, p. 69), coisa diluída em um mundo digital, sistematizado dentro de um padrão de consumo, onde somos vigiados a todo o momento.

A intimidade de Rato é exposta intencionalmente pelo próprio chihuahua após a última transa, ganhando proporções irreversíveis na internet. Se durante o violento ato

sexual o chihuahua dava a entender que queria e pedia, cada vez mais, que o Rato lhe batesse mais forte, dias depois, como um golpe final de sua perversa sedução, ele decide prestar queixa contra o amante. Sobre isso, o narrador relata:

O chihuahua hesitou dois dias antes de mudar sua versão (de que sofrera um acidente) e decidir enfim prestar queixa à polícia, contra o Rato, por agressão e estupro, incentivado pelo ex-namorado sociólogo e por um amigo, advogado de uma associação de defesa dos direitos homossexuais. [...] O chihuahua justificou a hesitação e a mentira do primeiro depoimento com o argumento de que estava com medo do agressor, que o levava ao hospital, onde ele contou aos médicos a versão deturpada do que ocorrera. A nova informação se espalhou como vírus pela internet. Um dos comentários mais replicados dizia que o neurocientista mexicano fora vítima de agressão e estupro por parte de um indivíduo violento e homofóbico, que para completar, trabalhava para uma agência humanitária (o que já era em si uma grande ironia) e cujo ‘desejo dominador’ o levava a gozar apenas quando fazia sexo desprotegido e não consentido, ‘quando invadia à força o interior do corpo dos outros, como se os colonizasse com seu esperma, tomando o que não lhe pertencia, fazendo seu o território alheio’ (Carvalho, 2016, p. 234).

Essa passagem pode ser lida como representativa da exposição íntima que a internet possibilita nos dias atuais. Canclini (2016) sublinha que o mundo digital, caracterizado pela supervalorização da imagem, pelo consumo excessivo e pela instantaneidade de informações, nos impossibilita de sermos estrangeiros virtualmente, pois não há como ser um estranho se somos clientes ou suspeitos. A internet aponta uma abolição da intimidade. O Rato sente essa abolição da intimidade por efeito da queixa prestada pelo chihuahua que, ironicamente, é aquele com quem ele compartilha os desejos mais íntimos e se entrega sem pudor.

Com isso, a narrativa acentua a fragilidade das relações e o abismo das redes de comunicações. Nesse direcionamento, as personagens do romance representam sujeitos instáveis e solitários pelas transformações midiáticas. Hoje, se utilizamos compulsivamente as redes a partir das relações efêmeras, é porque nos faltam redes seguras: “Estar conectado é menos custoso do que ‘estar engajado’ – mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos” (Bauman, 2004, p. 83). No caso do Rato, a solidão se acentua principalmente pelo fato de ele ter consciência do próprio vazio e pela “ambiguidade e o potencial suicida daquela ‘segunda adolescência’” (Carvalho, 2016, p. 196).

Por outro lado, o violento ato sexual acima aludido manifesta-se, diretamente, na afirmação do desejo sexual que, ao desafiar uma ordem cultural dominante, problematiza, portanto, “[...] a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder” (Hall, 2003, p. 209). É no corpo, correspondente aos domínios do que pode ser chamado e compreendido como corpo dissonante, que a estraneidade (Canclini, 2016) também se constrói na narrativa: “A última vez que transaram em Berlim, [...] o chihuahua lhe disse que na vez seguinte traria um consolo duplo que lhes permitisse ser penetrados ao mesmo tempo, pelo mesmo objeto, e gozarem juntos, de um prazer igual” (Carvalho, 2016, p. 222).

A tentativa de compreensão do mundo e de si mesmo está diretamente relacionada à constatação da existência de um estado de barbárie, cujo poder demolidor emana de uma violência radical. A viagem, no romance de Carvalho, mimetiza, concomitantemente, a experiência insuspeitada, a tensão escondida no diferente – seja o lugar, a língua, a cultura ou alguém – e a experiência do contato consigo mesmo e com a vida, reiterando a fragilidade da identidade. A mobilidade espacial envolvida no ato de viajar converte-se em matéria ficcional como forma de representação de um mundo onde tudo parece irremediável. A paranoia explorada por Carvalho, na maioria de seus romances, tanto como elemento de criação quanto tema, aparece em *Simpatia pelo demônio* relacionada à questão da barbárie, encarada como fenômeno global, declarado nos movimentos terroristas atuais que operam conscientemente de maneira transnacional.

Se, por um lado, o protagonista visita lugares conflituosos para indagar culturas, desenraizar-se e propor o dinamismo entre nações; por outro lado, ele enfrenta, muitas vezes, o conservadorismo e o totalitarismo numa espécie de guerra “ao mesmo tempo primitiva e tecnológica” (Carvalho, 2016, p. 29). A imagem da guerra aparece correlata à natureza bárbara e ao sedentarismo que limita e reivindica territórios, como pode ser observado no excerto a seguir:

A guerra se resumia a pequenos avanços e recuos na disputa por território, com regras de conduta baseadas na força que o nome de Deus vinha celebrar. Bastava conquistar algumas centenas de metros em território inimigo para se considerar o escolhido de Deus. É lógico que o escolhido de Deus variava muito no decorrer dos dias. Deus era justo. E tinha Deus para todo mundo. ‘Deus’ era a palavra mais ouvida quando os objetivos pareciam dúbios, quando o soldado fraquejava, quando começava a duvidar. Era sempre em nome de Deus que ele invocava para se resguardar das tentações do demônio e da hesitação, para abandonar ou maus pensamentos e seguir em frente, matando e destruindo tudo o que não estivesse de acordo com as normas do mundo

que ele e os seus pretendiam criar sobre a Terra quando afinal vencessem (Carvalho, 2016, p. 29-30).

O trecho acima é profícuo por exemplificar o processo de barbarização promovido por estados totalitários, comandados pela ótica da religião, que se voltam contra as grandes potências na forma do terrorismo, desencadeando reações não menos bárbaras em nome de uma “civilização”. Assim, o romance de Carvalho explora o tema da violência (a barbárie) sem dissociá-lo de uma visão mais complexa do contexto econômico, social, político e subjetivo. Na narrativa, a barbárie está por toda parte: nas relações amorosas, na linguagem, nos conflitos sociais, culturais e religiosos e nos diferentes espaços representados. E, portanto, nesse estreito limite em que a imagem da violência bifurca-se entre o interior e o exterior, o deslocamento espacial e identitário operam, por um lado, a imagem interna do sujeito errante cujo destino parece ser quase sempre a solidão e a morte; e, por outro lado, a expansão sociológica na qual se insere a violência no dia a dia da vida cotidiana.

O barbarismo contemporâneo – ao final do romance – alcança seu ápice na figura do homem-bomba, do suicida, que é uma espécie de espelho do Rato, como um duplo, a quem ele conta o que lhe aconteceu – sua relação amorosa com o chihuahua – e que acaba vestindo suas roupas para se matar. Daí a troca de identidades que, como uma reflexão recorrente na ficção de Carvalho, parece jamais alcançada.

2 *A noite da espera*, de Milton Hatoum: deslocamento e exílio em meio às memórias da barbárie do regime ditatorial brasileiro

O romance *A noite da espera* é aberto com uma fotografia, em preto e branco, de um ônibus antigo com o letreiro “Brasília-São Paulo” estacionado em uma rodovia. A figura da viagem coloca em evidência a trajetória do jovem Martim, que migra para Brasília, no contexto ditatorial brasileiro. Filho de pai engenheiro e mãe professora, o narrador-personagem sai de São Paulo, de ônibus, rumo a Brasília e passa a morar com o pai Rodolfo, após o divórcio deste e de sua mãe Lina: “As palavras do meu pai sobre Brasília se perderam durante a viagem de ônibus, quando eu pensava na minha mãe. [...] Eu não sentia frio, sentia a vertigem da distância, da separação” (Hatoum, 2017, p. 26).

Martim vive a adolescência e parte da juventude em Brasília. É nessa nova cidade que ele faz amizade com um grupo de pessoas que fica conhecido como a Tribo de Brasília, pois o grupo se posicionava contra o regime militar. Em um dia, ao atrasar-se

para a reunião da Tribo, o protagonista vê seus novos amigos serem presos pelos militares e, com isso, viaja para São Paulo e, posteriormente, exila-se na França, de onde tenta organizar “[...] a papelada de Brasília e São Paulo: cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos, com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos” (Hatoum, 2017, p. 16), na rememoração de seu passado migrante bem como dos sofrimentos e das mágoas que ele abarca. Trata-se de um relato de como é difícil narrar vivências traumáticas.

Nessa obra, o deslocamento geográfico está intimamente relacionado à tentativa de elaboração do trauma na (re)construção da identidade após o distanciamento espaço-temporal: “Nem tudo é suportável quando se está longe... / A memória ofusca a beleza desta cidade” (Hatoum, 2017, p. 13). Nesse sentido, a viagem, em *A noite da espera*, mobiliza um misto de estranheza e dor na composição de um protagonista marcado pela experiência da partida e da chegada, o que resulta não em um processo de integração do eu, mas encaminha a personagem ao estranhamento sob “[...] a inclusão e a exclusão, que ocorrem tanto no entorno do imediato como em redes mundializadas” (Canclini, 2016, p. 68).

A estraneidade de Martim, ao vivenciar o exílio, contribui para a composição fragmentada de suas lembranças traumáticas e de sua identidade por meio da escrita diarística. A experiência do exílio atua como mola propulsora para que Martim se disponha a narrar a sua história: “Cidade gelada, nem sempre silenciosa: algazarra de turistas na travessia de uma ponte sobre o Sena. Somos do mesmo país, andamos para margens opostas. Essas gargalhadas e vozes são verdadeiras?” (Hatoum, 2017, p. 11).

Essa atmosfera inóspita e solitária corrobora seu não pertencimento àquele espaço. O clima evidencia a distinção entre a França e o Brasil, denotando “a sensação de milhões de exilados que migram para livrar-se de governos autoritários”, como sublinha Néstor García Canclini (2016, p. 57). O deslocamento de Martim traduz também os apelos de uma guerra íntima/subjetiva, com o intuito de entender a razão pela qual ele ficara com o pai, e não com a mãe, que fora morar com um artista e, após uma sucessão de desencontros, desaparece misteriosamente. A relação distante entre o protagonista e seu pai se torna ainda mais frágil e fria dia após dia – “O silêncio entre nós parece obedecer a uma lei” (Hatoum, 2017, p. 54).

O exílio, nesse caso, manifesta-se tanto na sua dimensão exterior, como deslocamento físico, quanto na dimensão interior que a ele se sobrepõe: inúmeras rupturas afetivas afligem Martim, que tenta organizar suas memórias e juntar os pedaços de sua

própria história pessoal. Separado da mãe, longe dos avós, da sua cidade natal e do seu país, ele ensaia movimentos subjetivos com o propósito de encontrar alguma explicação para tantas separações. Por isso, para Martim, o exílio é uma situação permanente, “[...] é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente” (Said, 2003, p. 60). O desconforto do tempo presente, exilado na França, leva-o a ter lembranças nostálgicas e, ao mesmo tempo, assombrosas do autoritarismo da ditadura militar:

Um expatriado pode esquecer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso do exílio é, às vezes, um caminho sem volta (Hatoum, 2017, p. 14-15).

O excerto confirma que o afastamento da terra natal acarreta, em Martim, “[...] uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar” (Said, 2003, p. 46). A necessidade de adaptação frente ao país estrangeiro acentua que o “exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal” (Said, 2003, p. 50). Essa imagem relaciona-se diretamente com dicotomias como dentro e fora, centro e margem, próprio e alheio. A identidade de Martim, nesse sentido, encontra-se “sob rasura” (Hall, 2003, p. 51), pois as memórias de outros e suas próprias são basilares para sua constituição como sujeito exilado. Assim, memória e identidade não correspondem apenas ao resgate de um passado individual, mas também ao de outras personagens. Para o narrador, “sem a memória dos outros eu não poderia escrever” (Hatoum, 2017, p. 71).

O caráter suspenso do exilado supõe uma falta de identificação sólida consigo mesmo e com o local no qual habita provisoriamente. Isso corresponde, narratologicamente, a um entretecer de discursos – direto, transposto e narrativizado – do qual tanto a importância de ser responsável por trazer à tona uma cidade dentro da outra, um silêncio dentro do outro, quanto o sentido de permitir a visualização de vozes (cartas, anotações, lembranças) que auxiliam na constante formação do ‘eu’, vêm à tona na escrita memorialística. Vale lembrar ainda que, mesmo antes de sair do Brasil, Martim já atravessava a sensação de estraneidade (Canclini, 2016), o que reforça nele o sentimento de inadequação e orfandade. Isso fica evidente quando, ao chegar à capital do país, o narrador conta à sua mãe, em carta, suas impressões sobre a cidade:

Brasília é uma cidade para quem tem asas ou pode voar. O espaço é tão grandioso que diminui os edifícios (blocos) do Eixo Monumental, manchados por um pó vermelho. Escrevo e olho a fotografia que você me deu na Flor do Paraíso: ‘Para que se lembre de mim todos os dias’. A viagem durou mais de quinze horas e eu dormi pouco, eu e meu pai dormimos muito pouco. [...] Os bairros e avenidas têm siglas com letras e números, me perdi no primeiro passeio pelas superquadras da Asa Sul, parecia que estava no mesmo lugar, olhando os mesmos edifícios. São bonitos, cercados por um gramado que cresce no barro; essa beleza repetida também me confundiu. Tudo confunde, nada lembra lugar algum. O céu é mais baixo e luminoso, e as pessoas sumiram da cidade (Hatoum, 2017, p. 28).

Martim sente-se estrangeiro “na própria sociedade” (Canclini, 2016, p. 68), dentro do próprio país, seja pela falta de pertencimento à cidade – que não lembra lugar algum –, seja pelas marcas profundas carregadas de dor e intimamente relacionadas ao afastamento de Lina, sua mãe. A errância do narrador e a sensação de isolamento confirmam a falta de contato com a cidade e a ausência de uma relação identitária, por exemplo. A mudança para Brasília parece apenas acentuar o sentimento aterrador de não pertencimento no protagonista, que o acompanhará por toda a narrativa, culminando na solidão a distância, longe da pátria, como ele expressa em tom melancólico: “Talvez seja isto o exílio: uma longa insônia em que fantasmas reaparecem com a língua materna, adquirem vida na linguagem, sobrevivem nas palavras...” (Hatoum, 2017, p. 210).

Sem mãe, sem pátria e sem o convívio com os amigos, o que parece restar para Martim é a solidão do exílio. O ato da escrita fragmentada talvez seja a forma de resistência encontrada por ele na tentativa de elaborar os próprios traumas, ao mesmo tempo em que demonstra que as identidades se subscrevem, na narração, a partir de refrações e de descontinuidades. Poderíamos dizer que o sentimento de abandono de Martim, principalmente em relação à mãe, pode ser encarado como metáfora da incompletude e fragmentação da identidade. O trabalho de rememoração em formato de diário funciona como uma busca pela identidade “[...] que teça as diferentes partes dos [diferentes] ‘eus’ divididos numa unidade porque [se pretende] recapturar esse prazer fantasiado da plenitude” (Hall, 2006, p. 39).

Nesse sentido, a formação da identidade subjetiva do narrador estabelece um diálogo íntimo com a construção da identidade cultural/nacional de um passado ditatorial que parece insiste em não passar: “Outras frases do coro surgem na memória ferida” (Hatoum, 2017, p. 120). A perda de referência de um lar e o exílio parisiense configuram,

nos termos de Hall (2003), uma experiência diaspórica tornando as identidades instáveis ao romper com os elos afetivos duradouros e com o espaço de origem. Por isso, podemos dizer que a identidade se faz no próprio deslocamento, ora marcado pela condição de exilado e solidão, ora pela busca em lidar com as perdas afetivas, sobretudo, aquelas ligadas à imagem materna ou ao problemático relacionamento amoroso com Dinah – uma atriz militante convicta e também integrante do grupo da Tribo.

Como elaboração, a escrita de Martim atua na rememoração que traz um dos períodos mais obscuros da história nacional, os anos de chumbo da ditadura militar. A barbárie à brasileira é captada, no romance de Hatoum, pelo esforço do narrador em tentar resgatar acontecimentos dolorosos do passado e organizar seu material narrativo para contar a sua história e, por extensão, parte da trajetória de outras personagens e da própria trajetória do Brasil nesse período sombrio.

Brasília, como se apresenta no romance de Hatoum, é uma cidade cercada pela violência e pela censura, procurando esconder as tensões entre civilização e barbárie. É uma cidade que testemunha crimes encobertos, prisões arbitrárias – como as prisões dos amigos de Martim do grupo da Tribo – e desaparecimentos em plena luz do dia. Nas trocas de correspondência com a mãe, o narrador revela a realidade opressora vivida na capital federal:

Querida mãe,
Por distração, acho que escrevi o endereço da Asa Norte no envelope da última carta, datada de fevereiro. Eu e um amigo dividimos um quarto numa casa da W3 Sul.
Também sonhei mais uma vez com você. Não foi um sonho sereno num lago imenso, e sim um dos pesadelos nas noites na capital: você, outras mães e Dinah apareciam juntas num protesto contra o fechamento da escola onde estudei. Quando ia te abraçar, soldados do Exército reprimiram o protesto e as pessoas sumiram numa poeira cinzenta. Você também sumiu.
Não me machucaram quando fui detido em março de 68. Mas os pesadelos, a violência, e tudo que vem acontecendo na vida de muitas pessoas dão a Brasília um sentimento de destruição e morte que nem sequer os palácios, a Catedral, as cúpulas do Congresso e todas as curvas desta arquitetura conseguem dissipar (Hatoum, 2017, p. 150).

A barbárie que emana da cidade e do país, exalando medo em seus habitantes, mobiliza sentidos complexos em relação à dimensão íntima do ser. A melancolia de Martim está intimamente ligada aos enigmas de sua própria história abafados na capital federal, cujos “imensos espaços livres [...] são uma armadilha” (Hatoum, 2017, p. 41).

Para Sheila Katiane Staudt (2021), a solidão que transborda das páginas do romance de Hatoum preenche as lacunas de vidas esvaziadas e corrompidas. A estrutura do texto – em forma de diário – revela, portanto, “[...] a escrita do ‘eu’ para si mesmo, um olhar ao mesmo tempo atento e espontâneo, já que o único interlocutor é o próprio sujeito” (p. 229).

O desterro de Martim traduz sua angústia de viver em um deslocamento constante. Não por acaso, o desfecho da narrativa ancora-se na imagem da viagem, simbolizando a busca de uma identidade fragmentada e perdida que, a partir da experiência do exílio, configura-se como um processo de movimento contínuo, no qual a base é a alteridade, a busca pelo outro: “Na solidão da viagem, uma parte da minha vida saía de mim, o coração dividido pela amargura e a esperança: não sabia se ia rever Dinah, quem sabe se encontraria minha mãe...” (Hatoum, 2017, p. 236). A solidão, o conflito diário, a melancolia e a instabilidade são marcas demasiadamente humanas de um mundo provisório, invadido por lembranças que tentam compensar a perda desorientadora da pátria.

Considerações finais

Ao percorrer as histórias desses dois protagonistas (Rato e Martim), é possível constatar que, embora eles realizem diferentes deslocamentos migratórios, ou mesmo quando não se tenham deslocado, eles se sentem desconfortáveis, sujeitos de identidades fluidas. Nesse sentido, os dois romances analisados alinham-se, como foi possível observar, a uma vertente da narrativa brasileira contemporânea que tematiza o deslocamento espacial e a representação do sujeito errante fora do lugar.

Para Rita Olivieri-Godet, a migrância não diz respeito apenas à travessia física de territórios, visto que “[...] a esta dimensão exterior da migrância como deslocamento físico, sobrepõe-se a dimensão interior, ontológica e simbólica da migrância, o deslocamento do ‘Sentido do Ser’” (2010, p. 192). É possível afirmar, nesse viés, que os protagonistas de Bernardo Carvalho e Milton Hatoum conseguem projetar esses outros deslocamentos mais subjetivos, seja Rato, que opta pelo deslocamento transnacional, seja Martim, obrigado a migrar desde a adolescência, vivenciando também o exílio fora do país de origem. Ambos estão em constante mudança e em busca de si mesmos ou, nas palavras de Olivieri-Godet, à procura do “sentido de seu ser” (2010, p. 192).

Em *Simpatia pelo demônio*, a errância espacial desdobra-se em errância existencial, inscritas no corpo e no descontrole do desejo. O protagonista Rato desloca-se como um nômade, um errante que aposta no devir. Seu caminho não é a reta, mas o desvio. Entretanto, Rato não faz isso sem crise, sem constrangimentos, sem medo, mas não deixa de ousar, de evitar e de viver o desejo homoerótico. Já em *A noite da espera*, em um contexto de migração forçada, Martim encena uma viagem cuja jornada é traumática, posto que o estranhamento e a obrigação de estabelecer negociações com os novos lugares são armadilhas do percurso externo e interno. Afastado das origens, sem laços afetivos, ele vive também o exílio interior, por isso usa a escrita memorialística em busca de respostas escondidas, enterradas.

Nos exemplos de Carvalho e Hatoum, as experiências de estraneidades (Canclini, 2016) desvelam, portanto, experiências distintas de barbárie que encerram uma dimensão social, histórica, política e subjetiva (particular), ao mesmo tempo em que dão mostra dos descentramentos de identidades que transcendem fronteiras.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade das relações humanas. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CANCLINI, N. G. O mundo inteiro como lugar estranho. *In*: CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. Trad. Larissa Fostinone Locoselli. São Paulo: Edusp, 2016, p. 55-72.

CARVALHO, B. **Simpatia pelo demônio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaide La Guardiã Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATOUM, M. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

OLIVIERI-GODET, R. Errância, migrância, migração. *In*: BERND, Z. (org.) **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 189-210.

SAID, E. W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STAUDT, S. K. (D)migração, barbárie e silêncio em *A noite da espera*, de Milton Hatoum. *In*: CURY, M. Z. F. MELO, C. V. (org.) **Migração e diversidade cultural na narrativa brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2021, p. 221-242.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.

Data de submissão: 18/07/2024

Data de aprovação: 29/08/2024